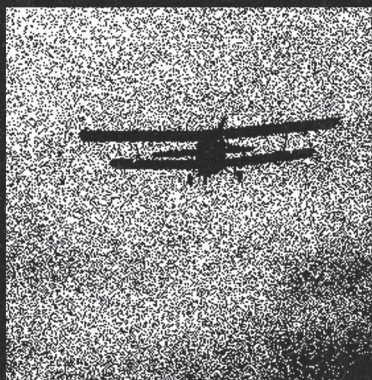




NARCAS

A ascensão secreta das mulheres
nos cartéis de drogas da América Latina



DEBORAH BONELLO

 Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

NARCAS

A ascensão secreta das mulheres
nos cartéis de drogas da América Latina



Planeta

DEBORAH BONELLO

Tradução: Carolina Cândido

 Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Deborah Bonello, 2023

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2025

Todos os direitos reservados.

Título original: *Narcas: The Secret Rise of Women in Latin America's Cartels*

Preparação: Ana Maria Fiorini

Revisão: Gleice Couto, Valquíria Matioli e Matheus de Sá

Projeto gráfico e diagramação: Negrito Produção Editorial

Capa: Renata Spolidoro

Imagens de capa: Tanya Gramatikova/Trevillion Images; Pxhere/Rawpixel;

Wikimedia Commons/Rawpixel.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Bonello, Deborah

Narcas / Deborah Bonello ; tradução de Carol Candido. – São Paulo :
Planeta do Brasil, 2025.

208 p.

ISBN 978-85-422-2992-9

Título original: Narcas

1. Crime organizado 2. Mulheres I. Título II. Candido, Carol

24-5329

CDD 345.03

Índice para catálogo sistemático:

1. Crime organizado



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2025

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra 986, 4º andar – Consolação

São Paulo – SP – 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

A MATRIARCA

O feudo

A minúscula cidade de El Espíritu fica no final de uma estrada de terra vermelha, aninhada nas exuberantes montanhas verdejantes do noroeste de Honduras. Para o olhar menos atento, é idêntica aos outros milhares de *pueblitos* (pequenos povoados) espalhados pela América Latina: uma praça central com uma igreja; ruas de terra com lixo misturado à lama; crianças perambulando descalças; roupas no varal do lado de fora de casas pequenas e humildes; mercadinhos que vendem alimentos básicos e Coca-Cola.

Mas forasteiros só podem visitar El Espíritu com a autorização de algumas poucas pessoas dentre os cerca de 3 mil habitantes. Ou precisam ser acompanhados por um contato local de confiança, porque aqui um dia já foi a base de comando de um dos clãs narcotraficantes mais violentos e poderosos do país e de sua matriarca, Digna Valle. Juntos eles mandavam na cidade como se fosse seu feudo particular. A sombra do reinado dos Los Valles ainda paira sobre a cidade.

Digna foi presa em 2014, ao chegar a Miami para uma viagem de negócios. Ela voou de Honduras para os Estados Unidos sem saber que havia uma acusação secreta contra ela e dois de seus irmãos, Luis Alonso e Miguel Arnulfo, resultado de anos de investigação do

DEA. Foi em parte graças a Digna que o governo americano conseguiu dismantelar sua família traficante de drogas e muitas outras organizações no mesmo ramo. Sete anos não é uma sentença longa, considerando as acusações de conspiração para traficar cocaína que a colocaram atrás das grades. Hoje Digna tem por volta de 60 anos e mora em Boston, após sair da prisão em 2018.

Enquanto meu guia – o monsenhor (bispo) Darwin Andino – e eu entrávamos em El Espíritu em sua caminhonete cor creme, de trás do volante ele apontou para um campo. Ele disse que ali, certa vez, foram desenterrados por volta de 11 milhões de dólares que tinham sido escondidos num tanque de água. No ápice das operações dos Valles no tráfico internacional de cocaína, a família gerava tanto dinheiro que não sabia o que fazer com ele.

Eu não precisei me esforçar muito para convencer Darwin, o bispo de Copán – o estado ou departamento em Honduras onde fica El Espíritu –, a me acompanhar naquele dia de março de 2021. Alguns dias antes, bati à porta de sua paróquia na pequena cidade de Santa Rosa de Copán, que fica a cerca de noventa minutos de carro de El Espíritu. Antes de falar com ele, a ideia de pedir que ele me levasse para a cidade parecia audaciosa e absurda, no melhor dos cenários, e simplesmente burra, no pior. Mas eu continuava repetindo para mim mesma que a Igreja Católica ainda é uma das poucas instituições que a realza do tráfico da região respeita – bem mais do que o governo. E, para minha sorte, Darwin aceitou a aventura.

Quando nos sentamos para conversar ao redor de uma imensa mesa de mogno na sua paróquia sobre o motivo de eu estar na cidade, ele já sabia quem era Digna. Àquela altura, eu já investigava o caso dela havia dois anos. É justo dizer que eu estava um pouco obcecada. Entrei em contato com todos que tinham feito parte do processo criminal e de imigração de Digna nos Estados Unidos e, por intermédio de alguns contatos, solicitei mais de uma vez uma

entrevista com ela, mas ela sempre recusou. Imaginei que ir até sua cidade natal, onde ela ainda era conhecida e respeitada, me ajudaria a entender um pouco melhor sua história. Darwin concordou.

Alguns dias depois, partimos em direção à pequena cidade, com a caminhonete levantando uma nuvem de poeira vermelha por onde passávamos. Duas crianças pequenas, uma delas ainda de fraldas, andavam de mãos dadas na beira da estrada em direção a uma das pequenas casas térreas de madeira que ladeavam a entrada da cidade. A vida de Digna aqui, a mais velha de treze irmãos, foi sofrida. As casas pareciam pequenas e apertadas. Fogueiras ardiavam em alguns dos jardins dianteiros e galinhas magrelas ciscavam na terra.

— Todos os dias eu rezo por Honduras — disse Darwin. — A pobreza aqui é imensa. Imensa.

Já perto da entrada de El Espíritu, Darwin disse:

— Me contaram que aqui nesta cidade, para entrar, eles tinham um monte de seguranças. Que eles paravam os veículos e perguntavam “quem é você?” e “aonde você está indo?”, e depois seguiam você para ter certeza de para onde você ia.

Mas hoje não há mais seguranças, a maioria dos seus chefes está atrás das grades nos Estados Unidos e em Honduras. Sentíamos os olhares sobre nós, mas ninguém nos impediu de entrar.

El Espíritu não poderia ser mais diferente dos ambientes que associamos com a dinâmica indústria da cocaína. Era sonolenta. Silenciosa. Vira-latas passeavam pelas ruas de terra e os moradores locais circulavam de chinelos. Os únicos sons vinham dos rádios dentro das casas ou dos carros e caminhonetes que passavam pelas ruas.

Digna nasceu na década de 1960 e, quando era adolescente, o comércio internacional de cocaína estava em crescimento na região. Logo Honduras se tornou um importante país na rota do tráfico da droga, que é produzida no Peru, na Bolívia e na Colômbia

e transportada para os consumidores dos Estados Unidos. Foi no começo da década de 2000, quando Digna tinha mais de 40 anos e dois filhos, que sua família envolveu a si mesma, e a maior parte da cidade, com o *boom* da cocaína.

— Digna era uma das fiéis — contou Darwin, quando a grande igreja católica que ela ajudou a construir entrou em nosso campo de visão.

Enquanto ele falava, pensei que eu não poderia ter encontrado um guia mais perfeito que o bispo Darwin. Como católica não praticante, tomei a resolução de parar de falar mal da Igreja.

A enorme igreja ultrapassava em muito as necessidades espaciais, se é que não as espirituais, da minúscula congregação da cidade. Uma estrutura de concreto bem conservada, pintada de amarelo pastel, fazia as outras construções da cidade parecerem minúsculas. Na frente da igreja, um gramado bem aparado tinha em seu centro uma esplanada pavimentada, decorada por bancos brancos. Na parte de trás do primeiro banco pelo qual Darwin e eu passamos, lia-se em relevo “DIGNA ASUSENA VALLE Y FAMILIA”. No banco seguinte “LUIS VALLE, MAYRA LEMUS Y HIJOS”. E no outro “JOSE REYNERO VALLE Y FAMILIA”. E no outro “REMBER CUESTAS VALLE Y FAMILIA”. Os patronos da igreja.

Digna é uma mulher de contradições. Como moradora de El Espíritu, ela se orgulhava muito de suas obras sociais, como a qualidade e o tamanho da igreja e os ranchos de café que ela ajudou a financiar e gerenciar como parte do portfólio de negócios da família. Moradores me contaram que Digna costumava cavalgar até os ranchos “vestida como um homem”, de calças e chapéu, e então desmontava e se sentava para almoçar com os trabalhadores. Ela também supervisionava a organização das festas religiosas da região e usava o dinheiro da própria família para oferecer um banquete do qual todos na cidade desfrutavam.

Mas Digna tinha um lado mais sombrio, que veio à tona quando a pressão sobre sua família começou a aumentar e o governo dos Estados Unidos passou a se apoiar cada vez mais sobre seus aliados hondurenhos para que desmantelassem o Cartel Valle e acabassem com seus negócios no tráfico.

Atenção aos detalhes

Depois de visitarmos a igreja, Darwin e eu voltamos para a caminhonete e seguimos nosso caminho pela cidade. Enquanto avançávamos devagar pela rua principal de terra, alguns pequenos detalhes contavam a história da cidade. Próximo à entrada de El Espíritu, havia o que parecia ser a obra de uma grande mansão. As paredes nuas de concreto cinza se estendiam por dois andares e circundavam um grande pátio com o que parecia ser o início de uma piscina no centro. Uma construção como essa estava muito além dos meios de uma família típica de Copán, que dependia de trabalhos locais como o cultivo de café.

Era bastante evidente que as obras na casa estavam abandonadas havia muitos anos. Uma cerca coberta por mato e trepadeiras cobria parcialmente o esqueleto cinza. A grama alta tomou o lugar da piscina e os buracos onde as janelas deveriam estar se abriam como bocas em busca de ar. Os moradores locais me contaram que Digna estava construindo a mansão para ela, seu marido e seus filhos adultos, Gerson e Tesla, quando sua prisão fez com que as obras parassem de repente.

Moradores da região e pessoas próximas a ela me contaram que Digna era a “face boa” da família Valle, amada e respeitada pela comunidade. A mais velha de treze irmãos e irmãs, ela era a “mãe de todos eles”, disse uma moradora, que pediu que fosse chamada de Teresa e que morava ali por mais de vinte anos. Teresa conheceu

e trabalhou com a família durante o período de dominância dos Valles, que começou no final da década de 1990.

— Eu gostava dela. Ela parecia uma *trabajadora*. Era feita de força bruta — contou Teresa quando nos encontramos em Santa Rosa de Copán. — Ela era simpática, mas tinha uma personalidade forte.

Em cidades como El Espíritu, a presença do Estado é quase nula, e Digna representava uma autoridade, uma benfeitora não oficial que tinha recebido pouquíssima educação formal. As pessoas se reuniam em torno dela porque ela passava uma sensação de segurança e dava a elas trabalho e apoio. Ela e sua família eram os provedores e a lei, temidos e respeitados. Enquanto observava a colossal mansão que Digna tinha começado a construir, eu tentava conciliá-la com as descrições que os moradores fizeram dela, como uma pessoa humilde e generosa. Será que ela perdeu a humildade quando o poder do seu clã aumentou e a pressão sobre suas operações cresceu? No começo da década de 2000, o governo americano confiou às autoridades hondurenhas a tarefa de dismantelar o clã Valle, entre outros, na esperança (irrealista) de interromper o fluxo de cocaína. Em algum momento, o senso de comunidade de Digna provavelmente deu lugar à necessidade de sobreviver e cuidar dos seus.

— Eles eram milionários, eram ricos, e nós éramos tão pobres — contou um antigo vizinho da família Valle.

A mansão, enorme e vistosa, era um recado para os moradores da cidade e também para aqueles que a perseguiam: *Não mexa com a gente agora. Nós mandamos aqui.*

Quando Digna começou a construir a mansão, por volta de 2014, sua família já participava ativamente do tráfico internacional de cocaína havia vinte anos. Negar isso seria inútil quando ela foi presa em Miami naquele ano: ela se declarou culpada das acusações. Foi em parte graças a ela que o governo americano conseguiu derrubar

sua família de traficantes, assim como outras dentro da indústria. Ela foi a primeira peça de dominó a cair, e, apenas alguns meses após sua prisão, seus irmãos foram capturados em El Espíritu em uma grande operação policial conjunta da polícia hondurenha com a americana que se tornou lendária entre os moradores locais. Policiais e soldados chegaram em massa à cidade e fizeram buscas nas casas até encontrarem Luis Alonso e Miguel Arnulfo, que foram prontamente levados de helicóptero para a capital, Tegucigalpa. De lá, foram logo extraditados para os Estados Unidos e então julgados e condenados a vinte e três anos de prisão por tráfico de drogas.

A mansão de Digna não era a única da cidadezinha, que é cheia de casas que um dia foram esplêndidas, pertencentes aos seus irmãos e a outros membros da família Valle. Mas agora são só esqueletos, tendo sido saqueadas pelos locais e desapropriadas pelo Estado. Na frente de uma delas, vimos um soldado hondurenho sentado tranquilamente numa cadeira de praia. De uniforme completo, ele jogava no celular e fumava um cigarro com um rifle automático apoiado no colo. Ele olhou enquanto passávamos de caminhonete, mas nem se deu ao trabalho de levantar. Darwin me disse que uma vez, em uma de suas visitas a El Espíritu, contou dezenove grandes casas ou mansões, e suspeitava de que todas elas haviam pertencido aos Valles.

Bem-vindos

É por causa de Digna que este livro existe. Fiquei sabendo da existência dela em 2019, por um advogado criminalista que na época representava outras mulheres acusadas de tráfico de cocaína. Conhecer alguns detalhes de sua vida foi o que despertou meu interesse em pesquisar sobre o papel das mulheres no narcotráfico na América Latina. Mas encontrei poucas informações sobre ela na

internet, apenas algumas notícias sobre sua prisão e documentos relacionados ao processo judicial. As poucas fotos que achei eram dos seus trinta e poucos anos em diante, acredito eu, e mostravam uma mulher corpulenta de pele clara e olhar determinado. Seu cabelo tinha cores diferentes em fotos diferentes, e ela claramente se importava com seu tom e corte. Ela foi fotografada algumas vezes de calça jeans e camisa polo, em frente a diferentes construções nas cidadezinhas que cercavam a fazenda verdejante onde tinha crescido. Apesar dos meus esforços, Digna permanecia envolta em mistério. Vir até El Espíritu parecia ser o único jeito de descobrir mais sobre ela.

Darwin e eu paramos em frente a uma modesta casa térrea de cimento pintada de azul. Enquanto esperávamos na sala, observei a meia dúzia de certificados que estavam pendurados na parede azul desbotada. Muitos deles continham o nome de uma mulher, uma moradora da casa, que tinha se formado em Direito. Quase todos tinham o mesmo sobrenome: Valle.

Os certificados pendurados na parede pertenciam a uma parente de Digna. De acordo com seus ex-vizinhos, a própria Digna jamais passou do ensino médio. Para mulheres da sua geração, educação não era uma prioridade. A quantidade de dinheiro que ela juntou deve ter excedido com folga as suas mais otimistas expectativas. Dava para entender que ela quisesse exibir tudo aquilo em casas requintadas e gestos nobres.

O contato de Darwin, Norma, entrou na sala, e nós nos apresentamos. Então Norma insistiu que conhecêssemos sua mãe. Logo saímos da casa e subimos com muito esforço uma colina íngreme de cascalho. No caminho, passamos por um enorme templo evangélico azul-turquesa claro, tão grande que parecia capaz de abrigar toda a população da cidade.

— Luis que construiu isso — contou Norma.¹ A estrutura tinha o mesmo tamanho que a igreja católica no centro da cidade.

Luis Alonso Valle e Miguel Arnulfo Valle, dois dos irmãos de Digna, eram os responsáveis pelos atos de violência do Cartel Valle. Alguns meses antes de ser extraditado para os Estados Unidos, no começo de 2014, Luis Alonso foi detido pela polícia local em El Espíritu por ter estuprado uma jovem. Os moradores da cidade e as notícias da época dão conta de que ele ficou preso em Santa Rosa de Copán. Àquela altura, sua fama como chefe do narcotráfico já estava bem estabelecida, assim como o medo que a comunidade sentia dele, mas isso não impediu a polícia de tentar cumprir a lei. Miguel Arnulfo, porém, supostamente foi ao resgate do irmão e cercou a cidade com capangas armados, ameaçando atacar caso Luis Alonso não fosse solto. As autoridades locais, por sua vez, convocaram as Forças Armadas.

— Eles chamaram o Exército porque [Miguel] Arnulfo chegou com uma AR-15 montada numa caminhonete — disse um ex-policial de Santa Rosa de Copán, que me pediu anonimato.²

Mas testemunhas e moradores me contaram que, depois de um tenso impasse, as forças do governo receberam ordens para recuar, e Luis Alonso foi prontamente libertado. É possível que o tamanho e a qualidade do seu exército criminoso superassem os do exército oficial — uma dinâmica comum na América Latina. A família da garota menor de idade que foi estuprada foi convencida a retirar a queixa contra ele.

Quando chegamos à casa da mãe de Norma, ela apontou para a casa ao lado.

— Digna era nossa vizinha — disse.

Parei de andar e observei com atenção a pequena casa térrea amarelo-mostarda com telhado de chapa de aço. Digna não chegou a morar na mansão que estava construindo antes de ser presa. Ela passou seus últimos dias em El Espíritu nessa casa bonita e funcional, mas humilde. Essa casa estava muito bem conservada se comparada com as suntuosas mansões de seus irmãos, agora nas mãos

do Estado. A casa de Digna estava trancada e, de acordo com seus vizinhos, exatamente como ela a deixara.

— [Digna] era uma grande mulher, uma grande mulher, e uma guerreira. Ela nos ajudou muito, ajudou na construção da igreja — contou Norma. — Nós todos a construimos juntos, fazendo tamales e bolos. — Ela precisou gritar um pouco por causa dos latidos de um husky siberiano, visível por uma fresta no portão da garagem da casa de Digna.

Alguém sempre vem dar comida para o cachorro, ela disse, mas já tinha uns dias que ninguém aparecia. Os latidos eram ameaçadores, como um mau presságio. Deduzi que ele estava ali para manter longe os intrusos.

Foi dessa casa que Digna saiu naquele dia em 2014 para voar para Miami, onde foi presa. Queria ter sido uma mosquinha na parede para ouvir as conversas dela com seu marido e seus filhos, Gerson e Tesla. Eles não tinham como saber que a mãe logo seria presa e que sua cooperação com agentes e promotores americanos poria um fim no império do crime que eles todos tinham passado anos construindo.

Após a prisão de Digna, Tesla acabou sendo levada em custódia por lavagem de dinheiro. E Gerson, que permaneceu foragido por quatro anos após a prisão de sua mãe e tios, se entregou às autoridades americanas na Flórida. Mais tarde, notícias em Honduras indicaram que, enquanto estava sob custódia, Digna manteve contato com Gerson e o convenceu a se entregar. É provável que ela tenha incriminado seus dois filhos enquanto estava presa nos Estados Unidos.

Em outubro de 2013, antes da sua última viagem para Miami, um comparsa visitou Digna em sua casa para discutir o transporte de duas toneladas de cocaína que chegariam à costa leste de Honduras por meio de lanchas de alta velocidade, declarou o governo americano no acordo oferecido a Digna. Era como as coisas funcionavam,

e continuam a funcionar, em Honduras. Carregamentos de cocaína, maconha e heroína são levados para o norte, pelo mar, saindo da Colômbia e da Venezuela, e são entregues numa parte do país chamada La Mosquitia, no departamento de Gracias a Dios (graças a Deus em português). Mas as únicas pessoas que dão graças por essa faixa de terra coberta por densos pântanos e florestas quase inacessíveis na costa do Caribe são os traficantes, que conseguem operar ali na clandestinidade e com pouca interferência das autoridades.³

Os entorpecentes são levados do litoral através de estradas improvisadas construídas pelos traficantes e seus parceiros em meio à vegetação e à lama, até chegarem às estradas principais, por onde então a valiosa carga é transportada até a fronteira com a Guatemala.

O feudo da família de Digna bem na fronteira, em Copán, era o lugar para atravessar a cocaína para dentro da Guatemala a caminho dos Estados Unidos. Ela organizava o descarregamento das drogas dos parceiros do Cartel Valle e a transferência delas em segurança para a Guatemala. O governo americano estima que, de 2009 até a prisão de Digna em 2014, todo mês ela e sua família transportavam milhares de quilos de cocaína através da fronteira Honduras-Guatemala. Digna chegava a fazer até 800 mil dólares com um único carregamento, como aquele feito como resultado do acordo que ela fechou naquele dia de outubro de 2013.

Terra de ninguém

A casa de Digna em El Espíritu fica a menos de dez quilômetros ao sul da fronteira com a Guatemala em linha reta. A divisa internacional, como a maioria das fronteiras terrestres na América Latina, é porosa e praticamente uma terra sem lei. A polícia de fronteira possui poucos recursos para evitar que a droga entre na Guatemala.

Seu único carro de patrulha está parado na beira de uma estrada próximo à fronteira, sem as duas rodas da frente.⁴

O que não consegue passar sem ser detectado pelos poucos pontos oficiais de travessia entre os dois países é atravessado de forma clandestina. Para os cerca de quinze pontos formais de entrada ao longo da divisa, existem mais de cem clandestinos, muitos dos quais podem ser cruzados por caminhões através de estradas de terra.⁵

Essa porção da América Central é considerada uma das mais perigosas da América Latina e possui uma das maiores taxas de homicídio do mundo.⁶ Isso se deve em grande parte ao azar de Honduras estar localizada entre Colômbia, Peru e Bolívia – as nações produtoras de cocaína – e Estados Unidos, o maior consumidor de cocaína do mundo.⁷ Operadores como o clã de Digna corrompem autoridades locais e nacionais e desafiam a capacidade dos governos de governar, deixando para trás um rastro de sangue e de dólares.

A ausência do Estado na fronteira permite que grupos como o Cartel Valle preencham o vácuo, ao mesmo tempo encantando e aterrorizando as comunidades locais com seu tipo particular de governo criminoso. Ações sociais como construir igrejas, criar empregos e conceder empréstimos têm um preço, e a relação de Digna com sua comunidade funcionava num equilíbrio delicado. Quanto mais poderoso e violento o clã Valle se tornava, menos a comunidade à qual Digna tinha se dedicado confiava nela.

Os Valles começaram como ladrões de gado e contrabandistas, um estilo de vida típico da fronteira que permitiu que famílias se tornassem exímias em lidar com as terras e a política da região. Quando a cocaína começou a chegar da América do Sul, substituiu as vacas e os cigarros que a família contrabandeava para a Guatemala. Depois de um golpe de Estado contra o governo do presidente Manuel Zelaya em 2009, que com suas distrações políticas desviou

as atenções das atividades do crime organizado, o fluxo de cocaína passou de um gotejamento para um jorro.⁸

Os Valles trabalhavam com um grupo diferente no leste do país – os Cachiros – e acabaram se tornando um intermediário vital para as organizações que operavam na região, incluindo o Cartel de Sinaloa, de Joaquín “El Chapo” Guzmán, no México.

Enquanto Digna acumulava a fortuna que a levou a começar a construção de sua megamansão, a linha tênue que separava autoridades oficiais e autoridades *de facto* em Copán começou a ficar menos evidente. Os Valles impunham leis que julgavam necessárias, corrompendo ou cooptando funcionários do Estado como meio de promover e proteger seus interesses. A polícia se tornou um braço armado a favor de interesses privados, não públicos, em troca de melhores salários e outras regalias.⁹

— Funciona assim — contou a pesquisadores um policial do lado hondurenho da fronteira com a Guatemala.

Se você precisa de uma bateria para sua viatura, pode solicitar uma para o quartel-general e esperar uns seis meses até que chegue, isso se chegar, e aí os chefes vão tentar fazer você pagar por ela. Ou então os *señores* locais fazem alguém te dar uma bateria nova, trocar os freios e encher o tanque com gasolina, contanto que você não os incomode. Nós estacionamos onde eles nos mandam estacionar. Olhamos para onde eles nos mandam olhar. Ninguém cria problema para ninguém.¹⁰

A enorme igreja católica na pequena cidade vizinha de La Florida, que eu também visitei, exhibe vitrais retratando madre Teresa e o papa João Paulo II. Do lado de fora, bancos verdes no *zócalo*, ou praça principal, em frente à igreja, também levam o nome do prefeito local, Rember — o mesmo Rember cujo nome está gravado nos bancos em frente à igreja de El Espíritu. Só que nesse banco ele deixou de fora seu segundo sobrenome: Valle.

No momento em que escrevo isto, já faz nove anos que Rember é prefeito de La Florida.¹¹ Digna garantiu que seu primo conseguisse os votos necessários para ser eleito. Afinal de contas, a razão de investir localmente grandes quantias de dinheiro e ajudar os membros da comunidade local era comprar a lealdade da cidade. Por um tempo, funcionou. Quando a Guarda Nacional vinha da capital, Tegucigalpa, para prender membros da família Valle por crimes relacionados ao tráfico de drogas, eles se escondiam, e os moradores então diziam para os policiais que nem conheciam as pessoas que eles estavam tentando prender, muito menos onde elas poderiam estar escondidas.

Um ex-morador se lembrou do dia em que seu pai chegou em casa e lhes disse que não se animassem se os Valles aparecessem na escola para distribuir comida e bolo.

— As pessoas agora estão falando coisas muito ruins sobre a família Valle — eles se lembram do pai dizendo. — Todos sabiam; mesmo nós, as crianças, quando tínhamos só 7, 8 anos; todos nós sabíamos que eles eram traficantes de drogas — eles se recordam.

Pelo que me contaram, foi nessa época que Digna começou a usar uma peruca durante eventos públicos para tentar passar despercebida.¹² A maré estava virando contra a família porque o governo americano pressionava o governo hondurenho para prendê-los. No fim das contas, as autoridades americanas precisaram esperar que Digna fosse até eles para que eles mesmos a prendessem.

Vikings

A rápida consolidação do poder dos Valles transformou seu papel: antes eram benfeitores e provedores, mas logo passaram à condição de opressores violentos. A acusação contra Luis Alonso por estuprar uma menor em 2014 não tinha sido um incidente isolado.

Ex-moradores de Honduras que hoje buscam asilo nos Estados Unidos me contaram que Luis Alonso e seu irmão Miguel Arnulfo costumavam raptar jovens adolescentes por quem se sentiam atraídos e levá-las para casa. Uma testemunha disse que os irmãos “iam primeiro”, e que depois as garotas eram passadas para os outros membros da família e, por fim, para os guarda-costas. Após serem estupradas por cada um desses homens, elas eram devolvidas para suas respectivas casas em frangalhos. Suas famílias eram informadas de que, se contassem sobre os estupros para alguém, todos seriam mortos.

— Uma vez eu estava na cozinha quando alguns moradores reclamaram para Digna que os irmãos dela tinham levado garotas novas para lá. E Digna falou que as garotas novas não deveriam ter provocado os irmãos dela — recordou uma ex-habitante de El Espíritu. — Sobre as famílias e as pessoas que sabiam demais ou faziam coisas de que a família não gostava, *Doña* Digna dizia: “Eles precisam ser assassinados. Não podemos deixá-los assim”.¹³

Conforme os anos se passavam, Digna passou a se empenhar cada vez mais em proteger sua família e os lucros dos seus negócios escusos, e assim seu espírito de comunidade se desfez. Quando não conseguia comprar a lealdade e o silêncio de certos locais, alguns afirmam que ela própria se encarregava de silenciá-los para sempre. A coexistência dessas táticas violentas e sua popularidade social criaram uma forte tensão em torno de sua presença na cidade.

Digna nunca foi condenada por crimes violentos, e eu não consegui checar as afirmações que me foram feitas pelos refugiados de El Espíritu. Em um incidente que eles me descreveram, certa vez uma família que colaborava com a polícia americana como informantes do Cartel Valle em Copán foi descoberta por pessoas leais aos Valles. Dizem que, quando Digna ficou sabendo, enviou duas caminhonetes com homens armados para assassinar todos eles. Assim que os agentes americanos que cuidavam da família ficaram

sabendo que os capangas se aproximavam, tiraram da cidade onze membros da família em um avião do governo.

Quando um trecho deste capítulo foi publicado na *VICE World News* no final de 2021, algumas das mulheres que me receberam em El Espíritu ficaram furiosas. Elas me escreveram insistindo que Digna não era uma assassina e que eu tinha publicado mentiras. Em contrapartida, membros da comunidade jurídica questionaram a versão bonitinha da história de Digna que me foi contada por seus ex-funcionários e moradores de El Espíritu.

Eu não sei em quem acreditar. É tentador adotar a versão de que Digna era a “face boa” do Cartel Valle, mas talvez apenas porque ela se encaixa no estereótipo de que mulheres são pacificadoras. Mulheres nunca seriam capazes de mandar matar alguém, não é mesmo? Mas receber aquelas mensagens dos vizinhos de Digna não foi legal. Eu me lembro de ir buscar um dos meus filhos na escola a pé na tarde em que recebi a primeira reclamação. Senti um arrepio na espinha quando li que estavam ofendidos com a história. Então comecei a suar ao considerar as possíveis consequências de falar mal de um membro do Cartel Valle. Mas eu ainda acho que a decisão de compartilhar o que ouvi de todos os lados sobre Digna foi a melhor, dado meu acesso limitado a ela.

— Ela não era violenta, mas era forte — me contou outra pessoa que conhecia e amava Digna.

Mas é difícil de entender como ela poderia sobreviver transportando cocaína e como poderia proteger seus ranchos de café e seus outros negócios sem apelar para a violência. Ao mesmo tempo, é possível que seus irmãos cuidassem dessa faceta.

Só violência não bastava para a família Valle manter seus negócios em funcionamento. Eles precisavam que o governo hondurenho estivesse ao seu lado para tirar a Guarda Nacional e os gringos dos seus cangotes. Em 2013, aconteceu outra reunião do alto escalão perto de El Espíritu. Todos os homens sentados à mesa estavam

fortemente armados. Entre eles, estavam El Chapo; Antonio “Tony” Hernández, irmão do futuro presidente de Honduras, Juan Orlando Hernández, que naquele momento planejava sua campanha presidencial; e Amilcar Alexander Ardón Soriano, prefeito da vizinha El Paraíso. Não fica claro se Digna estava ou não sentada à mesa, sobre a qual havia uma pilha de dinheiro, mas os interesses de sua família certamente estavam representados ali.

O dinheiro na mesa em frente a eles somava um milhão de dólares.

— Nós contamos — disse Ardón mais tarde, num tribunal em Manhattan. — Estava dentro de sacos plásticos.

O dinheiro era uma “doação” da família de Digna e de El Chapo para a campanha política do irmão de Tony, Juan Orlando Hernández, que viria a ganhar as eleições para presidente em novembro daquele ano. Por esse um milhão de dólares, o futuro presidente teria concordado em proteger as atividades ilícitas de Guzmán, Ardón e da família de Digna.¹⁴

Naquela ocasião, El Chapo estava em uma de suas visitas a El Espíritu. Moradores e investigadores me contaram que ele era visto com frequência na região, sobretudo durante os treze anos em que esteve foragido depois de sua primeira fuga de uma prisão de segurança máxima no México em 2001. Até ser recapturado em 2014, de vez em quando ele desfrutava da hospitalidade dos Valles em El Espíritu, incluindo, dizem, festas com direito a shows particulares da banda Los Tigres del Norte, o grupo rancheiro famoso no mundo inteiro que os Valles traziam para tocar. A banda não respondeu aos meus pedidos para confirmar essas alegações.

Os moradores sabiam quando El Chapo estava para fazer uma de suas visitas, porque a segurança na cidade aumentava e o deslocamento dos habitantes era restringido. Um morador me contou que caminhonetes novinhas entravam na cidade e desciam a rua principal a caminho das residências dos Valles.